
Mídias e Plataformas Digitais Como Ferramentas de Compartilhamento e Diversificação do Saber Cultural¹

Letícia Mikaella Lopes de SOUZA²

Denise Figueiredo Barros do PRADO³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

O texto propõe uma discussão que parte da observação feita entre artesãs de diversos perfis da cidade de Mariana para o projeto de iniciação científica “Artesanato e Cultura Midiática”. Por meio de entrevistas, notou-se entre elas o compartilhamento dos saberes, técnicas e métodos de aprendizagem do artesanato, em um fluxo que se dá pelas plataformas digitais. As transformações na circulação do conhecimento culminam no seu descentramento e deixa de ser exclusivo a um determinado grupo (MARTÍN-BARBERO,2003), além de diversificar e evidenciar o processo de midiatização, no qual estamos inseridos (VERÓN,2014). As influências midiáticas afetam os trabalhos e fortalecem as memórias do artesanato. Buscamos entender os processos, relacioná-los aos dias de hoje e estudar sua afetação na cultura popular e artesanal.

PALAVRAS-CHAVE: artesanato; cultura; midiatização.

1. Introdução

Ao observarmos as produções artesanais comercializadas em Mariana (MG) notamos a convivência de diversas formas expressivas e materiais num mesmo espaço: encontramos desde peças feitas em pedra sabão e madeira, cujas referências reportam ao barroco mineiro, até peças resultado da reciclagem de produtos plásticos, como frascos de shampoos e DVDs e CDs riscados. Em meio a estas peças, encontramos também um conjunto singular de produções que nos atraiu a atenção: peças artesanais que combinavam diversas técnicas produtivas e materiais com traços da cultura midiática.

Este contato nos fez problematizar o atravessamento das práticas culturais artesanais pela cultura midiática e nos conduziu a elaborar o projeto de pesquisa em duas fases: “Artesanato e cultura midiática: o atravessamento do midiático no artesanato marianense” e “Artesanato e cultura midiática: os sujeitos artesãos e a prática cultural”. Tais projetos nos deram suporte para desenvolver os estudos ora apresentados neste artigo.

¹ Trabalho apresentado na IJ06 do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo do ICESA-UFOP, e-mail: lopes.mleticia@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do ICESA-UFOP, e-mail: ufop.denise@gmail.com

Para introduzirmos nossa discussão, achamos válido apresentar casos exemplares das produções analisadas na nossa pesquisa. Ao realizarmos a coleta do material para análise na pesquisa “Artesanato e cultura midiática”, deparamo-nos com personagens e símbolos da mídia estampados em diversas formas de artesanato como personagens de filmes em caixas de madeiras feitas à mão (fig.1), tapetes da Galinha Pintadinha que foram tecidos manualmente (fig.2), chaveiros de times de futebol (fig.3) dentre outros.



Figura 1. Foto: Monique Campos.



Figura 2. Foto: Monique Campos.



Figura 3. Foto: Monique Campos

Para entender esse cruzamento cultural midiático, além de coletarmos imagens das peças e o contexto de exposição e venda desses produtos (atividade desenvolvida na primeira fase), visitamos as lojas de produtos artesanais em Mariana a fim de entrevistarmos com as artesãs responsáveis pela elaboração e criação destes produtos. Foram entrevistadas artesãs de lojas e associações da cidade e as respostas obtidas nos despertaram para a grande influência do atravessamento midiático no artesanato, mostrando que ela se dá não só nas imagens explícitas nas peças, mas também numa

afetação alargada (como as interferências no processo de produção artesanal e o compartilhamento das experiências entre as artesãs). Por isso, neste artigo, daremos ênfase às artesãs e como elas percebem as afetações do midiático na sua produção artesanal.

Antes de avançarmos na discussão sobre essas afetações, é importante compreendermos um pouco mais sobre o artesanato e a cultura popular. Historicamente, o artesanato é considerado pertence à cultura popular brasileira. Teixeira (2011) define o artesanato como uma das expressões de identidade de uma cultura, pois através das suas características pode-se identificar a sua origem cultural. Já no documento disponibilizado pelo governo federal em 2012, a “Base Conceitual do Artesanato Brasileiro”, apresentam-se conceitos e definições referentes ao artesanato e ainda, discorrem-se sobre orientações e estímulos ao trabalho manual. A partir dele, entende-se como artesanato

toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios. (Base Conceitual do Artesanato, 2012, p.12)

Esse conceito engloba o artesanato que conhecemos e formula o perfil do artesão, que conforme este documento é aquele que manualmente transforma matérias brutas e dá a elas significados artísticos que são adquiridos ao longo do tempo de forma individual ou em grupo, baseados em experiências, vivências, culturas e saberes. Essas especificidades reverberam na riqueza e na diversidade do artesanato em diferentes locais.

No entanto, esta definição não é suficiente para avançarmos na problematização do artesanato como prática cultural em mutação, em transformação. Conforme Prado (2016), a prática artesanal é uma ação capaz de articular intervenções, enquanto prática social. Podemos acrescentar que o artesanato é uma expressão artística atravessada por práticas, ligadas a experiências e tradições que vão sendo atribuídas com o tempo e desenvolvidas em sociedade.

Na cidade de Mariana, ao entrevistar artesãs, notamos essas especificidades aliadas ao apego à historicidade e às tradições locais servindo como inspiração para a produção artesanal. No entanto, essas inspirações não são as únicas vinculadas ao processo de produção do artesanato marianense: notamos que as produções midiáticas e

as plataformas digitais também têm influenciado o trabalho delas. Magnólia⁴, uma das entrevistadas, é artesã desde os 8 anos de idade e quando questionada sobre suas inspirações, responde: “Eu sempre procuro olhar revistas, internet e até mesmo os programas de televisão, apesar de eu sempre modificar as peças”. Há nessa fala, o atravessamento midiático atuando na construção criativa da artesã, que ao entrar em contato com as mídias, se inspira e amplia o campo criativo, trazendo para o artesanato, elementos midiáticos.

Nesse artigo, para discutirmos essas transformações das práticas artesanais (especialmente afetadas pelo midiático) nos concentramos em dois eixos para apresentar as características contemporâneas do artesanato de Mariana: a midiatização como uma mudança contextual no qual analisamos a produção artesanal e o descentramento como uma característica marcante das práticas culturais artesanais, especificamente na mudança na forma de organizar os saberes e de produção do artesanato.

2. Sociedade Midiatizada e Artesanato Híbrido

Após a Revolução Industrial e a constante evolução de máquinas e tecnologias, nossa sociedade se torna cada vez mais dependente das tecnologias e da mídia para participar ativamente da vida social. Mais do que uma necessidade, o uso de tecnologias, máquinas e plataformas digitais nos oferece uma maneira de interação com outro e com o mundo, possibilitando experiências, uma vez que essas estão sendo cada vez mais implantadas nos modos de trabalho, educação e lazer. Esta relação interfere na vida dos indivíduos cada vez mais cedo e nos dias de hoje, as pessoas já estão nascendo em um contexto midiatizado.

De acordo com Eliseo Verón (2014), podemos associar este fenômeno à teoria da midiatização, em que ela é a exteriorização dos nossos processos mentais que vão se desenvolvendo socialmente ao longo do tempo. A midiatização é, portanto, uma consequência do avanço e da evolução da sociedade que constantemente se transforma e passa a exigir novos meios. Para Pedro Gilberto Gomes (2016), a midiatização “é usada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural” (s/p). Os significados dados pelos autores à palavra “midiatização” se

⁴ Para preservar a identidade das artesãs entrevistadas, os nomes são fictícios.

complementam e ambos tentam perceber e explicar os acontecimentos e as relações contemporâneas baseados no contexto atual midiático.

Os meios de tecnologia e seu uso crescente nas mais distintas funções e áreas de conhecimento revelam uma necessidade social de interagir com o novo. A midiaticização no campo do artesanato, ao reconfigurar os conceitos, não altera a sua importância cultural, mas diz sobre a constante mutação da arte, que busca sempre se adequar a sociedade e ainda, diz muito sobre a situação política, econômica e social atual.

O estágio inicial de cada momento crucial de midiaticização pode ser datado, pois consiste de um dispositivo técnico-comunicacional que surgiu e estabilizou-se em comunidades humanas identificáveis, o que significa que foi, de uma maneira ou de outra, adotado. (VERÓN,2014. p16).

Ao notarmos nossa sociedade imersa nas mídias e plataformas digitais, podemos reconhecer que os dispositivos técnico-comunicacionais responsáveis por um dos últimos principais impulsos tecnológicos transformadores do nosso espaço, produção e o consumo são as tecnologias digitais e o acesso à internet. Com a grande adesão do uso, aumentou-se o conhecimento e domínio sobre as máquinas, fazendo com que a tecnologia começasse a evoluir de forma ainda mais rápida e se tornando cada dia mais indispensável.

A tecnologia e a sociedade avançam juntas e, para manter essa dinâmica de expansão, as mídias usam a estratégia de cada vez mais se aproximar da realidade das pessoas, atender ao gosto do público, e, principalmente, estudar a relação do espectador com o que é oferecido por elas. Quando nos deparamos com uma almofada, feita e bordada a mão, estampando personagens midiáticos como Galinha Pintadinha, Barbie e Batman, por exemplo, estamos nos deparando com a cultura artesanal midiaticizada, isto é, objetos artísticos, manuais e simbólicos, carregados de saberes culturais dialogando com a mídia, de forma que esta passa a complementar, inspirar e sobretudo diversificar o artesanato. Observamos nas lojas em Mariana, chaveiros de madeira estampando escudos de times de futebol, caixas com adesivos da Barbie, panos de pratos com pinturas de Frida Kahlo, bolsas com estampas de emojis, dentre outras. Na maioria das entrevistas feitas, as artesãs dizem que são os produtos que mais vendem.

A midiaticização também contribui para a mudança de interpretação do tradicional esquema de comunicação, em que havia necessariamente, um emissor e um receptor, e agora, em alguns espaços midiáticos, todos podem ser emissores e receptores de

conteúdos e ainda participarem de forma direta na construção da mensagem, ainda que haja assimetria no lugar dos interlocutores e nem todos os espaços de produção sejam acessíveis. Notamos esses diálogos nas redes sociais, onde há intenso fluxo de compartilhamento. O usuário tem mais liberdade e consegue escrever, produzir, ser autor e ainda receber feedback de tudo isso por meio de comentários e reações. Acontece também no Pinterest e Instagram, aplicativos inicialmente criados para smartphones, em que artesãs usam para divulgar seus trabalhos, postar os novos produtos, se comunicarem com clientes e comentar sobre o trabalho de outras artesãs, conhecidas e desconhecidas. Isso inaugura um momento diferente nas produções artesanais, pois as formas de conhecer e produzir artesanato passam a ser afetadas por essa experiência midiática e se abre uma outra ambiência para a troca e constituição dos saberes.

3. Descentramento e seus desdobramentos no artesanato

Essa alteração dos diálogos reverbera no que Martin-Barbero (2006) fala sobre o descentramento do saber, que é a circulação do conhecimento de forma não tradicional. Pinterest, Instagram, Youtube, Facebook e outras redes sociais, começaram um movimento de circulação de conteúdos didáticos e são plataformas citadas na maioria das entrevistas quando as artesãs eram questionadas sobre o modo de aprendizagem. De início, elas aprendem em casa, com a família ou fazem cursos. O conhecimento é da produção artesanal é uma aprendizagem simbólica, que vinha sendo passada de geração em geração de formas muito tradicionais; porém, atualmente, muitas delas vêm remodelando seus saberes por meio desses sites e as redes de compartilhamento típicos da cultura midiática. Os canais no Youtube voltados para a didática artesanal ganham cada vez mais adesão e a qualidade e a diversidade dos vídeos acompanham esse crescimento. Videoaulas, exposição de trabalhos, dicas de materiais para a confecção deixam de ser informações restritas à um determinado grupo que tem formação na área e passa a ser informação midiática, de livre acesso, possibilitando o que Martín-Barbero define como descentralização, que acontece quando as relações tradicionais e temporais não são a única fonte de conhecimento.

Amarilis, de 75 anos, é artesã há 25 anos e, há 6 anos vem aprendendo novas técnicas de artesanato pelo Youtube. O chinelo bordado (fig.4) é um dos modelos que está aprendendo no momento



Figura 4. Foto: Monique Campos.

Apesar destas mudanças já estarem incorporadas no cotidiano das artesãs, a Base Conceitual de Artesanato Brasileiro desconsidera esse processo de descentramento ao dizer que não é considerado artesanato as “habilidades aprendidas através de revistas, livros, programas de TV, dentre outros, sem identidade cultural.” (2012, p.12).

Essa ideia excluiria então, grande parte do que temos hoje como artesanato e

tal perspectiva adota uma abordagem purista na qual aprender atividades artesanais pelo acesso a conteúdos midiáticos romperia com a ligação com os saberes locais, típicos e tradicionais do seu contexto social de emergência (tanto no que concerne ao surgimento da técnica, do estilo e tipo de produção quanto à origem da matéria prima). (PRADO, 2017, p 5).

Além de purista, é uma abordagem retrógrada uma vez que os Estudos Culturais já discutem o entrecruzamento da cultura e os sentidos das coisas. Esses sentidos, de natureza empírica, expressos de diferentes formas como na música, teatro, desenho, dança, linguagem, artesanato e outros, são desenvolvidos a partir de experiências sociais com o mundo, que hoje, é grandemente influenciado pelas mídias e plataformas digitais.

Essa maneira de compreender o midiático separa-o da cultura popular, tratando a mídia como uma instituição externa à cultura e à vida social. Neste quadro, a formação dos repertórios culturais deve passar a largo das experiências midiáticas (posto que estas são consideradas “perdas” na composição dos referenciais culturais). Negligencia-se então que o midiático opera como uma processualidade capaz de afetar as relações sociais, bem como interfere na construção dos referenciais simbólicos. (PRADO, 2017, p.5)

Negar a tecnologia e seus benefícios como ferramentas participantes da constituição das culturas e das práticas culturais, e, nesse caso das práticas culturais artesanais, reforça a ideia de que o mundo moderno desconsidera as referências, vivências e memórias culturais que as artesãs adquiriram ao longo de anos. Na prática, Amarilis diz que o acesso à internet, a instiga a conhecer mais sobre a sua cidade para produzir artesanato.

Para Beatriz Sarlo (1997, p.102), “Onde quer que cheguem os meios de massa eles não passam incólumes às crenças aos saberes e as lealdades. Todos os níveis culturais

se reconfiguram quando se produz uma reviravolta da magnitude implicada pela transmissão eletrônica de imagens e sons.”. Por isso, não há como desconsiderar as culturas populares mescladas pela mídia. Elas afetam de maneira a somar. Uma artesã com netos adolescentes, por exemplo, é influenciada por eles ao uso de redes sociais que para os netos apresentam um sentido de acordo com o que eles experimentam: interação social, jogos, compartilhamento de conteúdo, pesquisas, etc. Ela, na sua vivência, usará as redes sociais para o que for significativa para si, com o que se sente representada, nesse caso, interagir com outras artesãs e aprimorar o seu trabalho. As tecnologias não exterminam os saberes simbólicos tradicionais, e sim afetam as maneiras pelas quais eles são firmados, indicando um processo de mudança da sociedade, com menos apego às formas tradicionais de transmissão do conhecimento. Isso não faz, no entanto, que as relações com o local e com os saberes tradicionais passem a ser desvalorizados.

No próximo item, buscamos associar de forma direta, a atuação da mídiatização e do descentramento na prática das artesãs.

4. Artesãs Marianenses e suas experiências com os meios

Mariana é uma cidade histórica e que recebe um considerável número de turistas. Os moradores têm grande apego a historicidade local e muitas das artesãs citaram a própria cidade como fonte de inspiração para produzirem suas peças e oferecer aos turistas, informação e história através da arte. Nas entrevistas que realizamos, percebemos nas artistas uma forte determinação para renovar o artesanato e inseri-lo na atual sociedade e encontram nas mídias, uma maneira de resistência. Elas compreendem o grande atravessamento midiático e a importância das influências sobre seus trabalhos.

A artesã Amarilis, quando precisou comprar um conversor digital para sua televisão, teve acesso a novos canais e o acesso pela televisão, ao Youtube. Em um mês de uso, segundo ela, descobriu canais que ensinam artesanato e já aprendeu a fazer chinelos e tapetes. A necessidade de acompanhar a tecnologia possibilitou novos conhecimentos e diversificou a ideia de artesanato para ela. Podemos notar aí, traços da mídiatização atuando no compartilhamento e descentramento do saber. Sobre o compartilhamento dos aprendizados, ela comenta: “Sempre que eu sei de um canal bom que tem as coisas que eu sei que as pessoas gostam eu indico”.

Essa mesma artesã, mineira, segue virtualmente outra artesã de Pernambuco e se baseia nos moldes dela para compor seus produtos. O artesanato em si carrega história

local e símbolos culturais e ao ser compartilhado, como nesse caso, se torna ainda mais híbrido. Há nessa ação, o entrecruzamento da cultura pernambucana com a mineira e ainda, o midiático. Canclini (2008) ao estudar a hibridez das culturas, defende a impureza e a mescla é constitutiva da própria cultura, portanto, uma incorporação legítima dos processos culturais.

A questão levantada a respeito da legitimidade do artesanato atravessado pelos meios digitais é outra vez contraposta na prática da artesã Tulipa, que ao ser questionado sobre sua posição a respeito desse cruzamento, diz: “Eles acabam aproveitando do artesanato pra fazer na mídia. Por exemplo, coruja já existe há muitos anos, raposa também. No artesanato, o galo é uma coisa antiguíssima. A mídia levou isso para o futebol, acho que a mídia que pega isso do artesanato. A galinha de angola a gente faz anos e anos, eles só colocaram tonalidade diferente. Mas eu acho excelente, é uma maneira de divulgar. O artesanato tava escondido.” Ela diz em suas palavras, o que Prado (2016) nos explica anteriormente: as experiências possibilitadas pela midiatização se cruzam, sem que os valores simbólicos sejam esquecidos. As necessidades culturais geram meios para serem expressas.

Também a respeito da diversidade possibilitada pelo grande uso dos meios digitais, Tulipa faz um comentário: “Antigamente as pessoas mais idosas que gostavam do tricô. Hoje não, tanto a criança quanto o adolescente. Hoje cê vê criança, menino, fazendo crochê. Quando que você ia ver menino fazendo artesanato? Nunca. Nunca que cê ia ver isso. E a mídia incentiva isso.”

A maioria das artesãs usa a venda do artesanato como fonte de renda principal ou renda única e frisam a satisfação pessoal que é trabalhar com a arte. Elas estão espalhadas na região do centro, em lojas, em associações e em feiras e para divulgar os trabalhos, criam páginas no Facebook, postam fotos, seguem umas às outras e os trabalhos atingem novas dimensões de reconhecimento. A artesã Tulipa, diz “Alcança muita gente. A galera curte! Vem muita gente direcionada por causa da internet ou por pessoas que viram na internet e comentaram com outras”

A artesã Jasmim também usa o Facebook como meio de divulgação da associação de artesãs FAM “Eu tiro foto e aí as pessoas de fora vem procurando a gente.” As artistas compreendem que o uso da plataforma é uma maneira de divulgar e incitar a clientela à compra dos produtos.

As artesãs, ao perceber a importância e as possibilidades proporcionadas pelo uso de plataformas digitais, buscam cada vez mais a interação com o midiático, e assim, a prática de unir elementos da mídia à arte manual tende a aumentar e dar segmento as constantes mudanças culturais.

5. Considerações Finais

Entendemos o artesanato como cultura popular e em constante transformação, capaz de atribuir a si mesmo, elementos interdisciplinares e midiáticos sem a perda do seu valor simbólico. A sociedade dentro da midiática desenvolve a necessidade de adaptação das artes aos meios digitais, os quais se renovam e se complementam. Questionamentos a respeito da legitimidade dessa hibridação entre saber simbólico e tecnológico são levantados e refutados pela experiência prática que tivemos contato ao entrevistar artesãs em Mariana: elas não perdem a suas referências culturais e nem deixam de criar, mas assumem novos meios de produzir, compartilhar e experimentar. O artesanato, ao se entrecruzar com mídias e plataformas digitais, se diversifica, renova e não perde sua ligação com o local; pelo contrário, ele fixa seu papel na vida social e é ressignificado e atualizado pelo contato com as novas tecnologias.

Referências

BASE CONCEITUAL DO ARTESANATO BRASILEIRO. 2012. Brasília. Disponível em: http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1347644592.pdf

BRAGA, José Luiz. Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. In: XV Encontro da Compós, Bauru, 2006. **Anais**. Bauro: UNESP, 2006. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_446.pdf

CANCLINI, Néstor-García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.

GOMES, Pedro Gilberto. Mediatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p.01-20, mai./ago.2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Saberes hoy: diseminaciones, competencias transversalidades. **Revista Iberoamericana de Educación**. Madri, n. 32, p.17-34, 2003.

PRADO, Denise Figueiredo Barros. O midiático e a cultura popular: Algumas reflexões sobre o artesanato de Mariana. In: XIII Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultural, 2017, Salvador. **Anais**. Salvador: UFBA, 2017. Disponível em http://www.enecult.ufba.br/modulos/consulta&relatorio/rel_download.asp?nome=87922.pdf

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, Marcelo et al. Artesanato e desenvolvimento local: o caso da comunidade quilombola de Giral Grande, Bahia. **Interações**, Campo Grande, v. 12, n. 2, p. 149-159, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/inter/v12n2/a02.pdf>

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, vol. 8, n. 1, p.13-19, jan./jun. 2014.